

UIRÁ DOS REIS E AS ILUMINAÇÕES OU O ATURDIMENTO DA POESIA

Quem conhece pessoalmente Uirá dos Reis sabe que se trata de um sujeito inquieto. Gestos amplos, palavras rápidas e vice-versa. Quem não o conhece, percebê-lo-á por seus versos. ^(a) A ausência de denominação deste livro o indica: agora sem nome, chamava-se antes *Fragmentos do aturdido*. Trocar o título por sua ausência, se por um lado corrobora a impressão de *desassossego* tipicamente uiraniana, por outro reforça o aturdimiento em que caímos nós quando diante dos *estilhaços poéticos* que compõem esta obra. Fosse mantido o título original, e o segundo termo pareceria mesmo elucidar o primeiro: *fragmentos*, porque *aturdido* aquele que os escreve.

^(a) A palavra *an*, presente na ficha catalográfica, é de origem tupi, significando “escuro”, “sombrio”, “fantasma”; foi-me sugerida por meu amigo Gleizer Freitas. Por exigência da Biblioteca Nacional é preciso utilizar um nome de inscrição para o livro, e por extenso. Mas aqui, o nome do livro não é o título, posto que este livro não o tem. O não-título serve como enunciação de um silêncio que permeia toda a obra – feita de tantas palavras: as páginas em branco, em negro, a capa apenas com a solitária figura do Dodô, as orelhas vazias, são uma tentativa de estabelecer um diálogo com João Gilberto e John Cage, mestres do silêncio - não enquanto ausência, mas como busca de uma outra possibilidade (NDA).

Na qualidade (?) de ator-doado, o poeta sabe ser incongruente a completude: que lhe resta? O fragmento, *fragmas* (para recordarmos outro poeta). Mas tal consciência, a consciência do próprio descarrilamento, é que encaminha Uirá dos Reis à composição de seus delírios, numa tentativa, talvez, de salvaguarda do possível: pedaços, destroços. Procuraremos acompanhá-lo agora em suas perambulações desnorreadas, suas *idas e vindas* pelas *iluminações* de uma Poesia Aturdida.

*

“no horizonte/ sem um porto a dar na vista/
permaneço indevindo”

1. O *Indevir*. Embora sejam muitos os *fragmentos*, o *aturdido* é um só, o poeta Uirá dos Reis. Mas um poeta em fragmentos não consistirá, na verdade, em muitos poetas? Sendo a leitura dos poemas de Uirá um passeio nervoso por algumas *figurações, iluminações poéticas* que vão e vêm em novos desdobramentos — que elemento nos permitirá constituir um discurso de unidade (ou pelo menos uma expectativa de —) ao lidarmos com

o aparente inacabamento deste livro?

(^b) Cada *iluminação* apresenta em nossa abordagem uma perspectiva de identificação do diverso, e a primeira seria a do próprio *movimento*. A continuidade do “ir e vir” aparece como expressão formal do anseio do texto enquanto busca: à medida que o poeta busca apreender a si — ainda que fragmentariamente — seu texto o manifesta igualmente a partir da perpetuidade do procurar, *figurada* esta na inquietação do *trâmite*, do *trânsito*, do *em transe*. Um “ir e vir” que às vezes nos surge como um “caminho e andança e delícia belicosa” (*Maya/Shitashi*); surge às vezes textualmente como em *A Pedra*, “Pescadores armando seus barcos, / crianças banhando seus corpos, mulheres lavando suas roupas e nós brincando de ir e vir sobre a areia”; e também em *Areia quente*, “Eis um jazigo onde posso deitar minhas dores pra ver se ainda suporte o ir-e-vir deste mar que não é meu nem dos outros” (o mar, aliás, uma das *iluminações* de que trataremos a seguir); e que também aparece magistralmente

(^b) Tomo emprestado o termo *iluminação*, não de Rimbaud, mas de Uirá mesmo que talvez tenha, ele sim, tomado de empréstimo ao arroubado francês: em *Porque a noite suave não trará em seus olhos a cor descontente de nossos pulmões* (“Nossas iluminações, / elas deterão a coisa toda”).

condensado no poema de abertura do livro, *Nau de dentro*, com o neologismo “indevindo”: indevidamente indo e vindo.

Um ir e vir que é o de alguns trechos de poemas como *Porque a noite suave não trará em seus olhos a cor descontente de nossos pulmões*, *Dos dias depois de agora* ou *A Pedra*. O retorno (algumas vezes com pequenas variantes) dos mesmos versos em momentos distintos faz ressaltar a tentativa de Uirá de vincular a multiplicidade dos fragmentos a partir de uma citação anterior, numa forma criativa de unificação do di-verso/multiverso, findando por criar um efeito que aproxima os poemas da oralidade, da recitação, do canto (retomando, assim, o antigo caráter **rapsódico** da poesia). O poema “canta/ abre a boca em cinco tons/ e os expele” (*Nau de dentro*). O desenfreado verso livre ganha um “refrão” com que se abre à “suavização” de sua aspereza inicial, criando no caso de Uirá uma particularidade que assinalaremos: frente ao apelo neoconcretista de sua disposição estrófica, em que o espaço em branco e as páginas em negro são importantes elementos compositivos, insurge-se uma musicalidade que, se pode ser associada à proximidade do

autor ante a arte mais contemporânea, (c) também não deixa de evidenciar raízes fincadas numa tradição popular, a que o autor não parece querer fugir, antes fazendo questão de o evidenciar. Soam como um repente as estrofes de *Dos dias depois de agora*, em que “o poeta sem inspiração” vai improvisando sonoridades e demarcando com verve e humor suas referências, suas preferências. Preferências que vão e vêm (num “caminho daqui e de volta”) entre rimas desencontradas e ditadas num jogo convidativo (“rimar é ciência”), que muito diz do autor: “rimando lombra com lontra que anda/ rimo carinho com desejo então/ rimando louça com água de pote/ rimo cangote com aquele negão// – aquele negão?/ – aquele negão”. No que concerne a preferências literárias, ainda em *Dos dias depois de agora* encontramos uma das mais fundamentais para Uirá: a do poeta mineiro de *A Rosa do Povo* que em *Consideração do Poema* também nos alertará sobre a inconveniência de rimar a palavra sono com a incorrespondente palavra outono. O Carlos Drummond de Andrade citado subliminarmente em

(c) Uirá é integrante de duas bandas: URO e Mirella Hipster, ambas “dodecafônicas”, “desconstrutoras” de harmonias.

A *Cidade* (“Temos nos olhos os cheiros da cidade/ (e como isso é bom) e como dói” e *Yokatta* (“mas como dói”): “Itabira é apenas uma fotografia na parede./ Mas como dói!” (*Confidência do Itabirano*). E explicitamente em *Vincent (fragmentos)*: “mundo, mundo, vasto mundo...”. A Drummond e outras referências nacionais (os Joões — do Vale e Guimarães Rosa, por exemplo, novamente em *Dos dias depois de agora*: “saber rimar João do vale/ com quebra nozes na praça” e “rimando iguape com onda que afoga/ rima essa onda com grande sertão”), somam-se as estrangeiras de um Scott Fitzgerald (*Suave é a noite* em associação a *Porque a noite suave...*) ou mesmo Karl Marx em paródia ao famoso bordão do *Manifesto do Partido Comunista*: “Babacas das grandes cidades,/ uni-vos!” (*Cunhã Ponderosa*). Porém o que melhor resumiria o transitar de Uirá dos Reis entre o *cá* e o *além*, o que melhor sintetizaria seu ir e vir seriam as duas epígrafes de seu livro — uma do poeta jamaicano Claude McKay, outra do poeta brasileiro Mário de Andrade. ^(d) Assim, essa poesia

^(d) Talvez não seja um erro indicarmos o que podem conter de subliminar as citações desses dois autores: um, negro, outro (embora nunca assumidamente) homossexual; duas bandeiras pessoais do indivíduo Uirá dos Reis.

que costuma *tomar o trem e partir para muito longe*, apresenta na inquietação de sua forma (tão próxima às vezes da geração beat e do versilibrismo insubordinado de um Ginsberg), bem como de suas citações, uma *imagem* ou *figuração* do mesmo *indevir* que a alma enquanto busca contínua. A seguir, acompanharemos outras *iluminações* possíveis desse perpétuo *aturdimento poético* de Uirá dos Reis.

*

“e depois corremos graves, fingindo alegria plena, sorriso sem opacidade, mãos cercan-
do o vento, deixando escapar o tempo”

2. A Opacidade. A segunda *iluminação* é aquela mais presente como temática uiraniana: a da Cidade. O contínuo deslocamento ganha circunscrição no espaço da metrópole. Embora Uirá nunca o faça (dada sua nítida preferência por minúsculas), preferimos grafar a Cidade aqui com inicial maiúscula, para que fique claro tratar-se, não apenas de uma urbe específica (somente algumas vezes denominada), mas da Cidade como um invólucro opressivo, embora necessário para a compreensão da identidade (móvel e espedaçada) do poeta (“ai, como a

cidade fez-se miserável, Pirilampo Querido”: *Monumento 27*).

A Cidade é qualquer cidade, conquanto atormentadora; por ser *qualquer*, pode ser aquela a que chamamos Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Outros têm (e quem lhes pode retirar esse direito, se assim o preferem?) cantado as belezas e delicadezas (questionáveis, claro) da *Loira desposada do sol*; Uirá prefere apontar-lhe as contradições de “cidade burra e bunita”. A Cidade de Uirá é singularmente *esta cidade* em dois momentos: em *Insomnia ou enquanto dorme o cavaquinho*, onde o “centrão de fortaleza” é misturado ao “deserto”, à “lua em são paulo”, ao “cairo”, a menção rápida definindo um local entre outros, não se tratando de uma indicação precisa, mas de uma maneira de exprimir aquele “ir e vir” de um poeta cujo paradeiro parece ser o não-lugar, o não-estar; e Fortaleza ressurge em *A Pedra*, em que as contradições da capital se manifestam a partir de uma série de petardos lançados à “princesinha do Oco, a meretriz do Espasmo,/ a rainha do Esgoto, a secretária do Escárnio”. Aqui a diatribe se volta contra um alvo definido no espaço: trata-se do direcionamento da revolta contra a

demarcação específica de uma província que finalmente representa — sintetiza — todas as *impossibilidades* daquela que seria A Cidade.

É na denúncia do que há de pior na Cidade que a poesia de Uirá assume o caráter vociferante dos profetas do Antigo Testamento. É como estes, ao denunciar a hediondez, revela na verdade seu amor e seu desejo de conciliação: como tal conciliação parece improvável quando o mundo é um mundo de *fragmentos* (a Cidade é *figuração* do Mundo, a Cidade é o Mundo, a Urbe é o Orbe), resta ao poeta o apelo a outras *iluminações*.

*

“Roubando o tumulto das águas
o peito tremeu calado com medo de tantas
farpas”

3. As Águas/ ACQUAROMANTIK.

Fiquemos um pouco mais com *A Pedra*. Nesse poema estão presentes duas outras importantes *figuras* do livro de Uirá: as *águas* (rios, mangues e mares) e o *corpo*. Enquanto cidade litorânea, Fortaleza oferece-nos costas de mar. Mas o mar não é Fortaleza: o mar é o limite

da cidade, o mar é onde a cidade — sua concretude — acaba e inicia-se outro fluxo, outro ir e vir, desta vez, fluido. A cidade confronta-se com o mar, afronta-o, dá-lhe as costas: “entre o rio e o mar já não tem barra — tem é dragão da maldade com gente tola na praça”. Dragão da maldade: esse *emblema glauberiano* justamente se apresenta como problemática representação de um Centro Cultural que, muito embora deva seu nome a um aventureiro do mar, tipifica enquanto estrutura armada, enquanto cal, *pedra* e cimento, o que há de pior na cidade, na Cidade: “cidade algoz-penetrante, cidade gringo-berrante, cidade fedor-lestoeste que enjoa e/ que entorpece e só — além disso sobra o quê?” (sempre do poema *A Pedra*).

O mar é um ir e vir, é aquele *que leva para longe*. Seu movimento explicita-se a partir da recorrência da metáfora proposta com o verbo “remar”, como em *Óstio/Remir*: “olhos que olham pros lados e lábios que/ cerram mundos unhas que remam saudosas/ à procura de um destino”. E assim como a Cidade pode também ser *cidade oculta* (como na palavra “opacidade”, que nos serviu de título ao ponto anterior), também a suges-

tão do mar se dá no já citado “**remar**”, em “**rimar**”, em “**margem**”, “**maremoto**” e até impensadamente em “**camarada**”, “**maravilha**”, “**amar**”. É com a *iluminação* do mar que o poeta parece mais reconciliado. Como nos versos de *D’Stela/ Cinco dedos, cinco passos*: “só no mar,/ só no mar// que eu me vejo e que gosto de mim”. (*) Mas o mesmo poema, em seu “quarto dedo”, não nos diz que “remoto o mar onde você me enfiou e agora/ nada/ agora quem nada sou eu”? Também o mar pode ser “sisudo” e a “água apimentada e verde” (*Porque a noite suave...*).

*

“Os olhos guardarão o cheiro
se o peito guardar o sabor”

4. O Corpo (e seus Fantasmas).

Se o corpo do poeta que se desloca pela Cidade não encontra satisfação plena quando mergulhado em *águas correntes*

(*) Embora não muito a propósito, chamo a atenção do leitor para a recorrência algo cabalística do número cinco neste livro: “os cinco tons” de *Nau de dentro*; os “cinco instantes” de *Dos dias depois de agora*; os “cinco olhos” de *Vincent*; os “três amores. ou cinco” do mesmo poema. No caso de *D’Stela/ Cinco dedos, cinco passos*, uma outra recorrência: o retorno de Drummond e de seu *Poema de sete faces*; tal como aqui se dá uma estrofe para cada dedo ou passo, ali uma estrofe para cada face.

e sequer ao alcançar os confins do concreto quando no horizonte limítrofe do mar; se o corpo não encontra fora de si o *remédio que nunca veio*, busca então o reconhecimento de si através de outro(s) corpo(s). Outros corpos e seus cheiros (“arfando./ sentindo o cheiro desejoso do gozo/ que ele plantou em mim”): *Vincent (fragmentos)*; outros corpos e seus toques (“-Toque em mim como quem toca uma harpa”): *Pedido silencioso/ Enxugando lágrimas*. O desejo imperioso alarga-se como que na ânsia de encontro de um último santuário, uma *fortaleza* particular, uma *cidade* legítima, e clama pela presença do outro, suplica, às vezes: “me tenha/ me tenha agora/ me tenha agora e para sempre// que já sou teu” (*Maya/ Shitashii*). Para sempre... Em oposição a tão sôfrego pedido, surge-nos uma nova *iluminação* (uma *quinta figuração*, a fim de que também nós cedamos à cabala pessoal do autor): e esta é a da *presença fantasmática* (no mesmo suplicante *Maya/ Shitashii*) — essa incógnita, essa nova *imagem* do inapreensível, do escorreito e fugidio. Do *indevir*. O Fantasma pode ser, para o universo pessoal do autor, um *quem* definido, *alguém* cuja solidez de *microcidade* é inquestionável, ao

menos quando circunvizinho, próximo, ao alcance do faro. Mas como *figuração* deste outrora denominado *Fragmentos do aturdido*, é também a fluidez da matéria, o intangível, a *incorporeidade*. O pedido de ajuda dirigido ao *Fantômas* está, talvez, fadado a resultar, não em sua realização, mas na própria *incorporalidade* do poeta suplicante. Responde-se ao “me ajuda, fantasma! Põe tua mão em mim e me faz forte” de *Insomnia* com o “Sobramos aqui, eu e tu, e não queríamos isso/ Dois fantasmas sem paixão nos olhos ou/ força nos dedos dos pés”, de *Areia quente*. De tal modo que as *iluminações* em Uirá, como em seu ancestral Rimbaud, parecem destinadas ao perpétuo questionamento, ao *moto contínuo* da recorrente indagação: “Que bons braços, que bela hora me devolverão essa região de onde vêm meus sons e meus menores **movimentos?**”

« Quels bons bras, quelle belle heure me rendront cette région d'où viennent mes sommeils et mes moindres mouvements ? »

*

Quem não conhece pessoalmente Uirá dos Reis saberá por este livro que se trata de um sujeito inquieto. Quem não

o conhece saberá que se trata, antes de tudo, de autêntico poeta: um poeta — inquietante — repleto.

“aqueles que têm certeza de que o certo é
sempre o certo
e que o imóvel é a vida em movimento
esses além de serem impossíveis me fazem
sempre muito agitado”

O Poeta de Meia-Tigela.



FICHA TÉCNICA

Editor Responsável

Mardônio França

Co-Editor

O Poeta de Meia-Tigela

Projeto Gráfico e Edição de Arte

Uirá dos Reis

Editoração Eletrônica

Gilberlânio Rios

Capa

“Doudo”, de o fantasma Le glitterfinger
para SuburbanaCo.

Revisão de Textos

Ylo Barroso Fraga

Impressão

Expressão Gráfica

FICHA CATALOGRÁFICA

Para minha família,
especialmente para minha mãe.
Para H. Kinozentrum e para os outros.

Para os que se foram.

Para ele.



“If we must die – let it not be like hogs
Hunted and penned in an inglorious spot”

Claude McKay

“Milhões de séculos desumanos me fizeram,
fizeram-te, irmão”

Mário de Andrade



Nau de dentro

o horizonte
é pérola e espuma
e por mim não guarda canto:
canta
abre a boca em cinco tons
e os expele.

no horizonte
sem um porto a dar na vista
permaneço indevindo
rabiscando
quase nada recriando
mil mentiras
e perdendo o eixo a rima
sem saber como

voltar.

A cidade.

Temos nos olhos os cheiros da cidade
(e como isso é bom) e como dói.

Porque a noite suave não trará em seus olhos a cor descontente de nossos pulmões

Porque a noite suave não trará
em seus olhos a cor descontente de
nossos pulmões e nem a dor profunda,
física, que temos aqui nesse engodo que
chamamos peito se destruirá.

Partir, partir para longe,
remar o destino anguloso e deixar
as cores aqui

Os elevadores estão no enguiço e nos-
sas paixões delicadas revelam-se bem
mais delinquentes agora que estamos no
chão, que pisamos a areia morna, que
sentimos as cavidades enervadas da Ter-
ra: O leite, o sulco, o fetiche e nós três.
A lua, a porta, a cidade e eu, que luto
contra a força animal do vento, contra a
brutalidade dos homens, que remo con-
tra as ondas até o final, até depois do
horizonte, eu que pensei sobre a cidade e
tive medo de dormir.

(Nossas iluminações,
elas deterão a coisa toda)

O mar sisudo, a água apimentada e verde, os festejos oblongos da cidade.

É preciso ter cuidado, preparar-se para as ondas antes do mergulho bélico, porque estamos sós, porque a noite suave não trará em seus olhos a cor descontente de nossos pulmões e nem seremos compreendidos: Não nos pagarão almoço, não nos beijarão a boca e também não nos aceitarão, ai, tão gratuitamente como a noite saberia, como saberia a serra, como saberia o mar, como o sertão saberia – mas a cidade, caralho, a cidade e o enguiço dos elevadores.

O sol que resseca nossos ombros dá-nos o sustento seguro.

Temos nos bolsos retratos de família, alguns poemas enormes, cidades em nossas cabeças: pessoas histéricas, mãos envolvendo facas, gritos de dor e saudade, homens que perambulam sem nome nem casa nem face, mulheres que sobrevivem de beijos e sonhos e biscates, crianças que rezam muito, que seguram em nossas mãos, que nos tomam como pais, ai – se deixamos tomam mesmo, tomam sim. E nós sabemos.

A água que escorre, benta, em nada ela
ajudará.

Cobras enormes circundam nossas fezes
e nós, suados sob os lençóis, não sabe-
mos senão chorar. Eu que tentei apazi-
guar os brios da natureza vendendo meu
sangue, alimentando-me de pedras, eu
que descalço emprestei sorrisos em tro-
ca de alguns trocados, alguns sonhos,
alguns lares, alguns rapazes famintos,
garotas que lambem facas nas esquinas
escuras da cidade. Vejo o céu e ele traz
um brilho que eu não poderia, traz uma
paixão, uma revolta, um romantismo,
uma coisa tão maior, o céu, do que tudo
que podemos nós!

O céu de estrelas fartas, de nuvens arre-
dondadas, ventos que desenham dunas,
mundos que desconhecemos – eu, vocês,
nossos bisavós defuntos e nosso futuro
sangrento, nenhum de nós conheceu ou
conhecerá o céu! Olharemos, espiões,
para o céu, debruçaremos nossos corpos
selvagens sobre as lajes das casas na ci-
dade, mas nada nós tocaremos.

Eles, os de dedos em botões vermelhos,
esses tocarão o céu.

Por mais que entreguemos nossa solidão servil ao acaso, ao destino, indassim nada nós poderemos, nada construiremos porque a noite suave não trará em seus olhos a cor descontente de nossos pulmões e é por isso que nos tarda a delicadeza larga dos mares da cidade de mares e fecundações, é por isso, agora sei, que não tocamos a profundidade do céu e nem lambemos com paixão as estrelas que flutuam. A forma estrondosa das pedras de muitas cores, o barro vermelho e o sorriso moribundo das crianças é tudo o que sabemos, o que conhecemos, o que não será diferente por enquanto que dormimos, inertes, sobre o chão por onde passam os outros, onde matamos o passado esmagando-lhe a fronte, arrebetando-lhe a face, enfiando-lhe nos olhos os dedos de pés descalços – e depois corremos graves, fingindo alegria plena, sorriso sem opacidade, mãos cercando o vento, deixando escapar o tempo – o sol cresce confuso ofuscando os rins e engolindo o intestino.

Bramindo,
o Cavaleiro Tosco exigiu controle.
Cerrou os olhos e partiu.

“Agora é tarde”, dizia, enquanto seguia para bem longe de nós.

-Estamos tristes, somos solitários.

Porque a noite suave não trará em seus olhos a cor descontente de nossos pulmões e nem a dor profunda, física, que temos aqui nesse engodo que chamamos peito se destruirá.

Mudemos a paisagem, crianças, que precisamos de mais.

Maya / Shitashii

seu nome ressoa cansado
em mim
e são os seus silêncios que percorrem
minhas veias (o teatro de sombras a
dança enlouquecida e o vodu). tudo
em mim é caminho e andança e delícia
belicosa quando penso sua presença
fantasmática e primorosa
tudo em mim é
quando aqui estou contigo
e sonho medéia mordendo o
 mármore
cálido faminta prosopopeia
alucinado querente de ver-não-ver-te
e tudo se vai e some e recomeça e fica
estanque como se no fundo os olhos de
dragão pedissem o ruir das coisas e
o erguer das fantasias

 sinais de loucura e medo

por pouco não estamos sós:
no elevado a cidade parece pequena
 mas não é
e de cá por outro lado sabemos de nós
assim pardais famintos (a flor na cal-
çada, bruta) gaivotas alçando vôo (o re-
moer dos espaços) fadinhas que cantam
graves
o sangue e a simpatia

- me tenha
me tenha agora
me tenha agora e para sempre

que já sou teu.

Lamurioso

o vento sopra longe
nunca chega onde estamos
tem porta na sala – derrame no quarto –
defuntos sobre as prateleiras
e nenhum amor

(e nenhum amor)

de tudo eu sinto saudade
sobretudo daquela nossa criminosa e
infantil vadiagem, camarada.

Dos dias depois de agora

para Ayla Andrade

o poeta sem inspiração
respira
como os outros da cidade mas
atenta: aquele que calou-se era
muito maior antes que agora
é

réguas esquadros candelabros
rubros dados turcos olhos sábios:
a matemática é fiel
à matemática – os outros
que engulam seus próprios sapos.

que é a metafísica
diante de um punhado de números
ágeis fugidios que irrompem e
ascendem
explodindo cidades
que é a metafísica
diante dos acordes do senhor
e sua cúpula
cúpula
(corpos flamejantes)
que é a metafísica?

o poeta engole o cuspe
e diz-se guspe – como disse o outro –
e despe-se e diz-se novamente
guspe

cospe contra a sombra
que engole a parede antes que
a parede aberta devore a paisagem
e o poeta some
:desejo de ser quadro ser pintura
mastro

astro
desejo de ser muito mais que tûmulo
e acaso: o poeta prevê o milagre:

aquele que calou-se
é muito menos agora que antes
conseguiu ser (o silêncio espanca
a aurora) e temos de dar voz
à boca

o poeta acredita em suas próprias
palavras e as repete ao infinito e além

pobre diabo
será somente aquele
que não souber
de si

éguas
unhas
pulsações febris
portas abertas gritos de
alerta e
mulheres parindo nas escadas:
o poeta sem inspiração
 ergue o rosto
e vê o dia tomado de sangue e
pensa (o poeta pensa):

aquele, aquela e
aqueles

os outros

o poeta sem inspiração
respira fundo e recolhe o ar
dentro de si – resolve-se por partir
cospe infeliz e diz-se guspe –
como disse o outro – e repete a palavra
quanto mais cospe no chão e pensa
 (o poeta pensa):
 foi somente a madrugada
quem me trouxe aqui mais nada nem
amor nem dor nem vontade
de mudar a cor dos azulejos
 da cidade
muito menos a estrada:
foi a madrugada
e só

(estupidez assassina a do
homem sem véu)

engolido por sua metafísica inútil
o poeta odiou-se por cinco instantes
naquele instante até que
tomou o trem
e partiu para muito longe:
que vale ser poeta se o poema
pode nada que vale ser bufão no vale
das lágrimas claras e que vale ser
aqui se o mistério é doutro lado?
(respire fundo novamente faça-se aberto
puro e crente
num futuro tão jeitoso quanto doce
e mui hermoso pra você)
vale mais ficar
desnudo
que vestido belo e morto
vale mais correr descalço que viver
só pro desgosto

(o ocidente é uma piada
uma metáfora disforme)

“o que diz da
canção que me seduz?”,
na lembrança atordoada.

o poeta sem inspiração
respira
como os outros da cidade mas
atenta: aquele que calou-se era
muito maior antes que agora
é

e segue / o trem

casas velozes do lado de fora:
a paisagem voa

trovões relâmpagos
chuva toró vendaval é tudo
mesmo que nada agora que o santo
diabo tomou-se de amor pela fala
e diz:

aquele que é muito menos do que
antes conseguira ser
aquele sou eu de guelra inflamada
aquele que alquebra e cai e num
rompante se refaz
desdenha com rapidez da
matemática exata

a sabedoria está na espada
no teto da sala clara mas anda
também de costas no porão que guarda
o ouro do lado escuro da casa

trovões podem barulhar o mar
pode marulhar que permaneço andando
sem saber onde chegar

(expição inexata:
o mundo desenha as estradas
e o poeta, cintilante, respira rimas tão
claras

e diz:)

rimar era muito feio até saber como era
agora que rimo bem rimo beleza com fera
sem ofender a ninguém
gente humilde ou gente austera

rimar faz bem pras crianças
pros velhos também faz bem
mulher de cintura e trança
pode rimar bem também

soldados de dorso nu
homens que gostam de cu
mulheres que querem asas
crianças que roubam casas

todos podemos rimar:
saudade maldade vaidade
vaidade saudade e mar

rimar faz crescer o peito
faz saber certo e defeito
pensar sobre o dia claro
sobre o defunto no ralo
faz querer viver de amor
faz saudar com grito o galo
faz beijar na boca o pato
faz lamber dente de fera
morrer de amor por megera
faz tremer mão língua e peito
no infinito da espera

madame com notredame
ferreira com quinta-feira
veado com avestruz

inhamo com lidianne
amélia com dona aurélia
caralho com muita luz

infame com não me ame
batalha com mulher séria
cruz credo com credo em cruz

rimando beira com chá de cidreira
rimo cidreira com avião
rimando acácia com boa mombaça
rimo mombaça com pé de sabão

rimando bomba com pomba que voa
rima delícia com silêncio então
rimando iguape com onda que afoga
rima essa onda com o grande sertão

rimando virgem com muita porra
rima essa porra com homenzarrão
rimando fogo com água que gela
rima esse gelo com pouco algodão

rimando lombra com lontra que anda
rimo carinho com desejo então
rimando louça com água de pote
rimo cangote com aquele negão

– aquele negão?
– aquele negão.

rimar é sensacional!,
disse o rapaz garboso com cara de
javali e corpo de couro-e-osso

(lambendo os olhos da estrada,
o poeta não conseguia pensar em nada)

rimar faz bem pros ouvidos
saber diferenciar barulho de
 leve zumbido
rimar faz bem pros pulmões
saber rimar rima grande é como
chutar culhões / rimar faz bem
para as pernas
saber rimar água morna com
rapariga donzela
rimar é coisa de luxo
saber morder com palavras a jugular de
 um bruxo

rimar é ciência rara
saber rimar João do Vale
com quebra nozes na praça

zidane com mulher feia
mormaço com serra grande
sambinha com grande orquestra
aurélio com juliane
te quero com não te quero
vigília com quase morte
te amo com não te amo
tão fraco que quase forte

farinha com pé-de-pato
tomate com zé pelintra
remédio com lindenberg
thiago com minha tia

repolho com muita merda
barriga com ziquizira
criança com chora muito
igreja com putaria

desejo com come-quieto
arroto com beijo bom
alhures com muito perto
canoro com semitom
sinistro com beira-rio
ministro com muito pão
ayla com dorme muito
cuíca com acordeão

me mato com quase morto
cordinha com meu pescoço
fornalha com juazeiro
estranho com dois no meio
sigilo com sigiloso
dragão com molho de shoyu
repete com mete medo
desgosto com mais gostoso

quem sabe rimar rime agora
que o mundo decerto espera
quem rima morte com vida
rima mentira e sincera

quem sabe rimar rime agora
que a porta ainda está aberta
quem rima cheiro com cola
rima quadrado e esfera

paca tatu galo asa
mico girafa pantera
faca cozinha desgraça
que tipo de vida me espera

(o trem:
paisagem movimentosa)

mata bambu pato casa
mico garrafa pantera
faca cozinha desgraça
que era é a nova era

o poeta sem inspiração
sentia-se calmo, lúcido como há muito
desejava sentir-se e /

– num improviso importante
caminho daqui e de volta
rimando a rima inconstante
abrindo e fechando a porta

e prosseguia o poeta
ciente de que havia encontrado em
si ecos do que sempre fora e do que
ainda ele viria a ser

(o que não souber de si
ficará perdido e oco
já o que souber de si
saberá de tudo um pouco)

“o mundo explode lá fora, vê?
as sirenes, daqui não podemos ouvi-las
mas elas estão, elas estão...”,
na lembrança atordoada.

/ o trem engole as bitolas
os bolsos balançam ao som das janelas
as portas não abrem nem fecham
as cores misturam-se às crianças que
saltam no ar do lado de fora e

(jogar
os soldados
no lixo)

o poeta sem inspiração
vislumbrou a lua, tirou os sapatos
e dormiu, aquecido somente
por seus novos pensamentos de
esperança e de alucinação.

Monumento 27

Engula o que sobrou da comida
mergulha tua cara entre os girassóis e
deita o peito entre as tangerinas e os
melões: as orações que tu buscas na tv
elas não te guiarão agora e nem mesmo o
sacramento que tu guardas surtirá efeito
já: somente as danças movimentosas
dos pagãos que gritam à porta [o peso
das horas, criatura] te poderão ajudar -
que teu leito cheira a morte e tua vida
vira lentamente nada definhando arre-
messada contra o muro de tua casa e
os carros da estrada que já foram a tua
ponte entre a vida e o quase nada /

Ai, como a cidade fez-se miserável, Pi-
rilampo Querido, e como os mortos são
multidões sob os pés que já não se mo-
vem, ó

Insomnia ou Enquanto dorme o cavaquinho

para Leozinho

I

magnólia.

o barão impressionado com a menina e sua magnólia. que cor teria qual o cheiro e as pétalas como seriam? o homem brincou sobre as árvores e eu quis ser como ele / não como vocês, bêbados infames, não por seus vexames mas por suas vidas, (ele poderia ter gritado) suas vidas que não servem a não ser para perturbar a minha! - e subia até mais alto, mais além, fazia os galhos tremerem, cerrava os punhos, rangia os dentes e beijava a lua com delicadeza.

magnólia, magnólia - o barão lembrava.

II

Fitando a maravilha nas mãos do homem, foi assim que me fiz morto como agora estou.

Nada das onças que criei nem nada das paisagens minhas espalhadas por aí: tudo é de vocês. Fiquem com tudo, engulam-se a todos, que quero me despedir. “Como e quando?”, meia dúzia de enfer-

mos. “Quando e como, jovem morto?”,
mas minha boca não responde.

Agora, onde tudo é nada, agora que o asfalto revela sua angústia estática - olhos de idiota - é justo agora que meu peito clama, mas meu ventre fecha e vejo vocês. É, nada das onças pintadas por mim nem das divagações exatas sobre o mundo sob o muro que é sua alma e sua alma e sua alma e - nada: agora é cruz e espada (estaca fincada no peito): a bruxa não se queimará.

ó, avestruzes sibilantes, ó, tatus com
mãos de fome, ó, araras sem cocares,
me deixem aqui, assim, morto já, e le-
vem o que era meu, como sei que vão
levar.

III

os olhos que nada vêem. as mãos que
nada tocam. deixa cair a chuva lá fora
(a televisão tem vozes e minha cabeça
tem vozes também) pois nada acontece-
rá. treme o peito treme a pupila dilatada
“o poema treme” treme lá fora a estrada
(goza, rapaz, goza rápido e em silêncio) e
com medo prefiro ficar aqui dentro. sem
nada fazer.

amor, lá fora poderíamos ter vivido um pouco mais. aqui não: falo bobagens gesticulo para o vento ando de costas rebolo para o espelho e penso em você - filho da puta - em você e meu peito treme (“o poema treme”) e penso em nunca mais dormir ou acordar. As vozes chegam e cercam o corpo - as vozes - as vozes têm cheiro - as vozes - e têm cor - as vozes têm cor.

eu penso:

quando amei, fui morto.

quando amei, fiquei sozinho.

quando amei, quebrei os ossos.

agora prefiro destruir o ninho.

não não não será mais possível o amor
essa coisa que reluz e vira nada vira buraco na estrada bosta-pasto na porta de casa (a voz dele chora em mim e eu me calo) dai-me tua mão invisível, fantasma, e chama-me amor, ralo, casa, coisa rara, rapaz lindo, jóia cara, ametista, noz moscada. chama-me chuva no sertão, rio no deserto, lua em são paulo, homem nu no cairo, profundeza no centrão de fortaleza que é pr’eu me sentir melhor / reluta reluta reluta (me impede da atitude brusca) e grita alto para que eu me cuide e sobreviva - mas me ajuda, fantasma!, põe tua mão em mim e me faz forte! deixa minha cabeça afogar-se em teu ventre

e me aqueça enquanto choro, alucinado.
pobre diabo, pobre cão eu sou.

amei o tolo e o soldado
amei o índio e o doutor
amei a louça e o fado
nem sei mais o que é amor.

D' Stela / Cinco dedos, cinco passos

para Thaís Monteiro

I

tonto assim torpe assim
ele pensa que atravesso o rio para tocar
a margem lá do outro lado do rio
mas não é verdade: toco a margem que
ficou pra trás quando atravesso como
num cavalo o rio que me engole

[toque em minha mão
faz assim comigo]

II

porque ontem tive tanto medo e tanta
saudades e só agora sei falar e sei dizer e
sei expressar / ontem tive tanta coisa
aqui dentro
aqui assim dentro de mim que não me
reconheço

só no mar,
só no mar

que eu me vejo e que gosto de mim

III

cravada no peito a vontade de existir
e ser maior que eu e ser maior e ser e ela
sabe como me sinto

agora somos amigos e ela tem meu peito
tem meu peito e o cheiro desse gozo dela
que eu fiz ela gozar

fiz sim

IV

a vertigem
você foi minha vertigem
meu avião desgovernado que caiu no
maremoto /
remoto o mar onde você me enfiou e
agora nada
agora quem nada sou eu

V

precisei de cinco
cinco soldados empestados de piolho
pra saber que nunca amei ninguém

nunca amei ninguém e sempre amei
você, que é ninguém e que não me bas-
tou naquele sorriso torto torpe imóvel
quase móvel de cozinha aquele sorriso
que nunca foi a lugar algum

YOKATTA

Quando penso
em seus olhos meus olhos estufam.
A lembrança belicosa aqui
é amor e graça
mas como dói.

As janelas pegam fogo bem como as ca-
sas as ruas as portas dos hospitais dos
puteiros das escolas das igrejas tudo
pega fogo tudo se desfaz agora. É que a
saúde fez morada do meu peito. Fiz-
me audaz, mas de nada adiantou.

Meus pés e minhas mãos amputados,
meus olhos cegos / O que sou agora?

As ruas trazem o cheiro de volta, rapaz,
e com calma finjo paciência. As ruas tra-
zem o seu cheiro de volta.

Agora que sou invisível, que estou morto,
que não tenho mais pra onde ir, agora
sua vida começa.

Ikiru, ikiru,
shitashii.

Ikiru, ikiru
shitashii.

(oni)

Shitashii.

Shitashii.

A Pedra

para Victor de Castro

Teus olhos são como pedras
preciosas que guardo em minha lem-
brança. Refiro-me ao esboço que fizestes
de ti mesmo
em carvão e em colorido
Giz de cera, acho, giz e brilho

Éramos tão jovens
e ainda havia os cheiros que não
conhecíamos
Refiro-me à saudade, às marcas que o
corpo traz, à galeria de mortos, aos ases
de espada, aos coringas, refiro-me ao
que foi torto, ao que foi duro ou roto e
que, se antes nós não sabíamos,
agora sabemos sim

Teus olhos são luvas limpas
com brilho de Estrela d'Alva
que guardo em minha lembrança
fazendo coro com as horas que tivemos
lá na praia da mansidão emblemática

Pescadores armando seus barcos
crianças banhando seus corpos mulheres
lavando suas roupas e nós brincando de

ir e vir sobre a areia – como as ondas – e
pensando: Lá do outro lado fica a ilha de
gelo e torpor, queres ir? Ao que o outro
respondia: Decerto podemos ir: Chame o
pescador amigo e iremos só nós três

e nisso consistia o jogo:
amar livre o amigo que partirá
a qualquer momento e mais:
amar ao amigo livre que ficará sobre
as ondas entre a areia quente e a ilha de
vulcões, na outra margem do mar
Sozinho não me sentia
pois meu peito estava cheio
tão cheio que bem mais largo
do que ele costumava

Agora é que sinto frio, entre muriçocas
mórbidas, sanguessugas de talento,
entre os tolos da cidade, entre o sol e o
desalento; entre o rio e o mar já não tem
barra – tem é dragão da maldade com
gente tola na praça

Ai, que dor essa cidade
Cidade burra e bunita, cidade que não
se engole por saber-se amarga, dura,
venenosa, aturdida

Mas lembra como era bom
andar por sobre os bueiros, subindo e
descendo ruas, de lá pra cá, muito lon-
ge, entre Setembro e Dezembro
nas noites de céu gigante
onde se esconde Fortaleza,
a princesinha do Oco, a meretriz
do Espasmo, a rainha do Esgoto, a
secretária do Escárnio – um vulto,
um vulto apenas
é o que ela deveria ser

mas nada disso: ela teima, tenta subir
e descer – mas só desce, Fortaleza, por-
que o bonde da história virou lá noutra
cidade [o trilho descarrilou] e o que che-
gou por aqui foram escombros, lobiso-
mens, babaus turvos, pernas cuspidando
fogo, peitos queimando ácido, bocas en-
golindo dólares e só e nada,
nada que não seja isso – não que isso
seja nada, claro, afinal isso é a cidade

Teus olhos são como pedras que,
esculpidas em aro, criam arco-íris enor-
mes, pontes entre mundos diferentes,
entre o que reside aqui, sob os pés dos
delinqüentes e o outro mundo, aquele,

qualquer aquele que queira – contanto
que não seja este;
de cidadinhas vermelhas, ruinhas que
trazem calma, rapazinhos que lêem
livros, que ouvem canções nervosas,
mocinhas que riem pelas ruas catando
pedras, fumando baseados,
tudo tão pacificamente leve que ter a
visão meio turva é nada, é coisa alguma,
não traz transtorno nenhum:

dá-me teu amor, meu caro,
seja meu, assim, profundo e
deixa-me ser teu também,
faz-me leve e espumante,
prazer é o que nos convém

Teus olhos são como pedras
que se espalham pelo chão, não como
erva daninha, mas como estrelas de
mármore que brotam do barro-asfalto
da cidade, que é bonita, sim-senhor,
embora seja u'ordinária trazendo no
peito tudo que não seja o amor

Cidade piranha-suja, cidade veado-
horror, cidade algoz-penetrante, cidade
gringo-berrante, cidade fedor-lestoeste
que enjoa e que entorpece e só – além
disso sobra o quê?

Além disso sobra nada que me lembre
aqueles dias, que me transforme, me
eleve, contribua; sobra porra nenhuma
aqui, nada-nada, merda-merda, lixo-
lixo, sempre e só e ponto mas

Teus olhos são como pedras
preciosas que guardo em minha lem-
brança. Refiro-me ao esboço que fizestes
de ti mesmo em carvão e em colorido.
Giz de cera, acho, giz e brilho

Éramos tão jovens
e ainda havia os cheiros que não
conhecíamos. Refiro-me à saudade, às
marcas que o corpo traz, à galeria de
mortos, aos ases de espada, aos corin-
gas, refiro-me ao que foi torto,
ao que foi duro, ao que foi roto e que, se
antes nós não sabíamos, agora
sabemos demais

Cunhã Ponderosa

para Rogério Skylab

Ela,
brincando de soldado e faca pediu-me
um beijo artesão. Respondi-lhe “sou
quase indústria, lixo do mundo doente –
jamais serei artesão”.
Querendo mais-que-querendo mordeu
meus lábios nervosos e depois cuspiu
no chão. “Tens gosto de fumaça e té-
dio!”, me disse com cara de nojo.
“Eu sou um sujeito padrão”.

Babacas das grandes cidades,
uni-vos.

Jericoacoara ou Hai-kai ocidental

Abrir as pernas das crianças.

Choram raparigas lindas.

– Deixa o dia cair sobre nós e /

Areia Quente

I

Desenho na areia meu nome pro mar
comer com vontade, abraço a lua dis-
tante, recito calamidades e deito meu
peito no chão

Tudo é deserto

Tudo é fome e também

Tudo é mistério

Dobro os joelhos quadrados, arranco os
pêlos da pele e sinto como se fosse um
pedaço de mim fazendo parte da terra
e como se um pedaço de mim pudesse
me remover do infinito que nunca cessa
nem de ruir nem de crescer

Tudo é deserto, sim

Tudo é. Tudo é silêncio e também

tudo é miragem.

II

Eis um jazigo
onde posso deitar minhas dores
Na boca do rio o sussuro das águas
correntes, a barra enlouquecida, as
ondas movimentosas e os peixes que,
sei, permanecem lá embaixo, longe de
mim e do vento
Penetram no mangue o sal, a areia
branca e quente, o vermelho dos

cardumes e o vermelho dos desejos
que trazem os pescadores e também os
marinheiros que teimam em aportar na
entrada mais-que-reta desenhada pelas
águas na direção da cidade

Eis um jazigo onde posso deitar minhas
dores pra ver se ainda suporto o ir-e-vir
deste mar que não é meu nem dos ou-
tros mas que por mim não tem amor,
não soluça, não constrói e nem destrói,
não devota a mim os peixes ou a morte
sorrateira que teima em me vigiar. Não
me cuida, não me guia, não me sabe, não
me vê, decerto já nem me banha, já nem
me lança pro alto, pro mais-alto-que-o-
infinito e nem pede pr'eu ficar.

Eis o jazigo onde vou me deitar.

III

O gosto da terra é um só:
aquela luta que travamos na calçada da
rua guenza e tão louca como éramos ali,
naquele venenoso instante

Teu poema ainda flui (e me mata aos
poucos, saiba) e o remédio nunca veio
Meço o amor pelo sofrimento mantido,
pela viuvez do pós-coito, pelo arrojo do

sangue na roupa e pelos pedaços de
chão

na cabeça

Você me fez fêmea e mais macho. Fez
do meu peito um inferno, fez dos meus
punhos dois laços, fez dos meus olhos
um poço, fez do meu rosto um espasmo,
uma ave natimorta, um soldado ame-
drontado. Fez do desejo u´inimigo, fez do
inimigo um aliado.

Na morte seremos irmãos.

IV

Senti o perfume das horas cessando
o delicado cheiro do fim
Pensei no amor no amadurecimento no
aperfeiçoamento das infelicidades
Também pensei nas celebrações infan-
tis na machadada na nuca no cuspe na
cara no tapa na bunda no beijo na boca
na canção que era tão boa como a vida
jamais foi / A garganta arde, camarada,
preciso d´água.
Tó – e o cantil era o céu da boca aberto
por veias enfileiradas.

Sobramos aqui, eu e tu,
e não queríamos isso

Dois fantasmas sem paixão nos olhos
ou força nos dedos dos pés.

V

“Estamos distantes agora?”

“De quanta distância tu precisas, meu
rapaz?” e o mundo era uma bola que
coberta por nuvens solenes secretava os
muitos seres
que nele habitavam.

(as horas passavam, lentas)

“Peço-te amor – Podes dar?” (as nuvens
abrindo as pernas, as mãos sem direção
nem caminho) “Mas do que tu falas agora,
criatura do demônio?”

“Falo de amor, baixinho, e falo que quero
o teu” - e os olhos eram dois ninhos de
ave que não se vê.

Roubando o tumulto das águas,
o peito tremeu calado com medo de
tantas farpas. Fingiu que nada sentia,
virou o perfume em agonia
depois quedou-se, prostrado.

- Ai, o mundo. Tudo tenebroso, tudo.

Vincent (fragmentos)

I

os olhos cegos –
aquela cegueira de que falavas.

cinco olhos e nenhuma visão:
dez dedos em cada mão e nenhum toque
possível.

ai, esse mundo tão cheio de vidas vãs
me traz solidão e só

(te espero na enfermaria).

II

acredito em ti quando tu dizes
que é precioso o amor e que a fidelidade é
o caminho longo por onde nasce
o trigo.

no entanto, as batatas, vincent,
eu não as sei plantar e nem as sei colher.

III

essas cartas (que não são) não me leva-
rão a nada. defuntos não comem ou ca-
gam. veneno pra corno é pouco. te amo e
jesus te ama. cego e rei nunca se encon-
tram. saideiras não existem. trepadeiras

sobem muros. incertezas são colapsos.
faça planos, salve o mundo – e se esqueça já de mim! – gritei,
pedindo socorro.

beber é algo decerto incrível.
dói bem menos que viver.

IV

o rapaz.
ele tem uns olhos desesperados, as mãos com potência e sem credo – o que me deixa amigável. também ele tem aquele tipo de pescoço sinuoso, (as veias pra fora) um falo sisudo irrompendo até o crânio bonito. mas ele olha pros lados enquanto fala de amor. ele mente sempre.
e ele é ladrão, eu sei.

mas se o pago ele me segue e faz tudo o quanto eu queira e me deixa tão feliz.

digo: agora nós brincaremos de amor-perfeito, onde eu planto o caule antes e você planta depois. ele responde sorrindo que sim e fica na posição de jardinagem, onde procuramos barro e aramos pra plantar.

esses são os bons amores – que não são e nem enganam:
é por isso que são bons.

V

os campos estão todos mortos
não podemos ver a folhagem das coisas
que casas não brotam em árvores
também não podemos colher os
arbustos
de dentro de nossos quartos

(os automóveis avançam):

é a violência o que comanda
e o que rege a paleta desses dias que
não trazem o amarelo

senão nos olhos.

a vigília de nada adiantaria
posto que as cinzas tomaram conta de
tudo.

lamento.

não sobrou o vento nem a arte.
são dias de extremo ruído e extremo
silêncio.

VI

(a lua está cheia.
ainda podemos vê-la.)

VII

eles me prenderam numa gaveta escond-
deram meu nome minha história solitá-
ria fingiram que não sabiam depois sor-
riram contentes me chamaram de amigo
me pagaram belos porres trocaram mi-

nha identidade e fincaram em meu ouvido um agudo tão sinistro que não pára de apitar:

a maior dor que sinto agora
é a traição de outrora.

VIII

são trinta gênios em cada bar
são quatrocentos bares
são oitocentos os brilhantes
são vinte e nove os ouvintes
são trinta mil os que sabem sobre
todas as coisas do mundo.

“mundo, mundo, vasto mundo”...

IX

na minha cidade não tem rios nem tem
montes. algumas dunas mortas que nos
levam a esgotos onde podemos banhar
nossas solidões famintas, nossos ócios,
nossas mães, nossas crianças que rosnam,
nosso tacanho destino.

na minha cidade não tem rios,
mas automóveis
que atravessam velozmente a lama toda,
ensopando os sapatos e
as calçadas
que serviriam de cama.

e quando o dia amanhece
tudo o que acontece é mera repetição.

X

sofri três amores. ou cinco. decerto me foram caros, aqueles filhos da puta. agora eu sofro um deserto, um abismo quase claro, um inferno movediço, cinco ouros, quatro copas, dez mil solidões agudas, onze cigarros queimados e a saudade daquilo que eu tinha – e que brilhava – quando ainda eu era jovem.

só eu mesmo que não via.

XI

amar aqueles que não sobem em árvores é sempre mais perigoso, já reparou?

aqueles que têm certeza de que o certo é sempre o certo e que o imóvel é a vida em movimento esses além de serem impossíveis me fazem sempre muito agitado.

- eu tive medo um dia, a voz olhando pro chão. eles cultivavam mortos em jarros de flores, e eu vi.

XII

soluçando (é imprescindível abrir os braços nessas horas) entendi que é vaga essa existência minha, e sem entregas ela fica ainda pior. mantenho as portas

abertas na intenção de que alguém entre sem me perguntar se pode mas a lua crescente (filete quase invisível) me mostra que ainda há silêncio enquanto eu caminho, torpe. e é por essas ruas que eu sigo, essas ruas que são suas como minhas. onde o peito encontra abrigo pagando, como em pousada, migalhas que custam caro.

XIII

as arestas (as paletas mostram) elas poderiam surgir mais delicadamente /
ele pintou um retrato de você enquanto os dias eram azuis.

mas agora você mete medo

(as paletas mostram), ele me falou.

os amarelos e os laranjas, sobrepostos uns aos outros, eles mudarão o mundo – emprestando àquele frio embrutecido um pouquinho de calor: suas mãos não estão atadas como costuma pensar e seu nome ressoará por mil anos ainda, sei (não se zangue, meu querido: ele não te roubará. mas lembrará de ti silenciosamente toda vez que expressar o vivo de suas cores alucinadas).

XIV

fossem os trigais estacionamentos,
te digo: tu serias bem mais triste mesmo nos momentos de alegria.

fossem os estacionamentos locais de festas sem fim, te digo: também tu sofrerias, posto que as festas não seriam para ti.

(meus pés estão cansados
e minha boca tenta não roer meus ossos).

XV

quando os fantasmas tornaram a rondar
minha cabeça eu tive muito medo de
ficar louco novamente

mudei meu rosto, me pus em silêncio
e fingi que amava a todos mas de nada
adiantou.

“sou feliz”, repeti mil vezes.

“sou feliz, sou feliz, sou feliz, sou feliz,
sou feliz, sou feliz, sou feliz, sou feliz, sou
feliz, sou feliz, sou feliz, sou feliz, sou fe-
liz, sou feliz, sou feliz, sou feliz, sou feliz”,
até que entendi que isso não passava de
tortura.

XVI

sim, também tremi durante a noite.

o espaço que me foi dado na casa não é
bom pra respirar e tem as paredes úmi-
das, repletas de mofo nessa época do
ano. o ar é quente e o vento não entra
pela janela.

mas no entanto, não posso reclamar.
são anos de miséria, estes. anos em que
o tempo corre e nos deixa para trás, sem-
pre. anos em que a saudade nada diz,
e também o cheiro do amor que deseja-
mos, é sabido, não existirá.

XVII

arfando.
sentindo o cheiro desejoso do gozo
que ele plantou em mim.

(sou terra obsoleta,
vertigem vigiada por soldados invisíveis.
pedi carinho e só me deram medo.
pedi silêncio, mas eles continuam
gritando aqui dentro.)

não sei ainda por quanto tempo eu...

XVIII

quando o amor faz-se prestes a fugir,
temendo o que pode colher nesse plan-
tio exaurido, de sentimento alucinado /
quando o amor toma o destino de volta e
pede sem sílaba alguma a distância e a
morte antes mesmo da separação, nes-
sas horas fico em dúvida entre a orelha e
o pulmão. acabo sempre mordendo com

força as falanges, até que elas inchem e meus dentes sangrem.

XIX

temos um verme no peito
e ele se alimenta de sentimentos profundos.

o que será de nós, de todos como nós,
quando esses vermes todos começarem
a morrer de fome?

Da Rosa

A bebida vagabunda me entope de prazer [ela toca os acordes em mim] e me entrego aos céus como a um carrasco [desejo mutilado - humilhação contida - subserviência tão civilizada] e penso no mar que me leva para longe e para dentro e me tira os pés do chão: sentindo o corpo como quem sente o corpo outro entro no copo de vidro quebrando a libido com gestos sem sentido algum: tenho mãos elásticas que tocam o universo e tenho um corpo pouco que não sabe além de

seu umbigo

“Meu querido”,
ele me diz, apagando o cigarro na mesa:
“Como é chato amar você”.

Jacarey

espera.

o vento toma de assalto quase tudo agora e de quatro não consigo ver o mundo. não é o remorso que me chega, também não é o amor [nossos erros são piadas que se esvaem com o tempo] e no cinza abominável sobramos como donzelas

[gazelas que saltam muros]

gatunas e serelepes – mas no contorno das águas tem luz pequena e rasa, brotando, crescendo e arde.

cansei do teatro das dores que sempre tu interpretas e também cansei das flores que teimam em não murchar: que podemos agora, unicórnio miserável, que criamos monstros no jardim da casa?

ele torce os dedos, lambe os lábios secos e nada me diz.

**Pedido silencioso /
Enxugando lágrimas**

[No escuro,
as mãos tateando o vazio:]

- Toque em mim como quem toca
uma harpa.

Bilhete / Sorrateiro

no outro. então te deixo em paz.

tenho certeza, sim, tenho sim a certeza
de que sentimos o mesmo pavor agora –
por outro lado eu

(a mão suja de manteiga)

assim, adeus.

Pedro

Os olhos guardarão o cheiro
se o peito guardar o sabor.





ACQUAROMANTIK

[Na beira da praia
o horizonte é tão distante que os olhos
nada vêem/
Do outro lado percebo redondo o plane-
ta e tola e pequena a cidade]

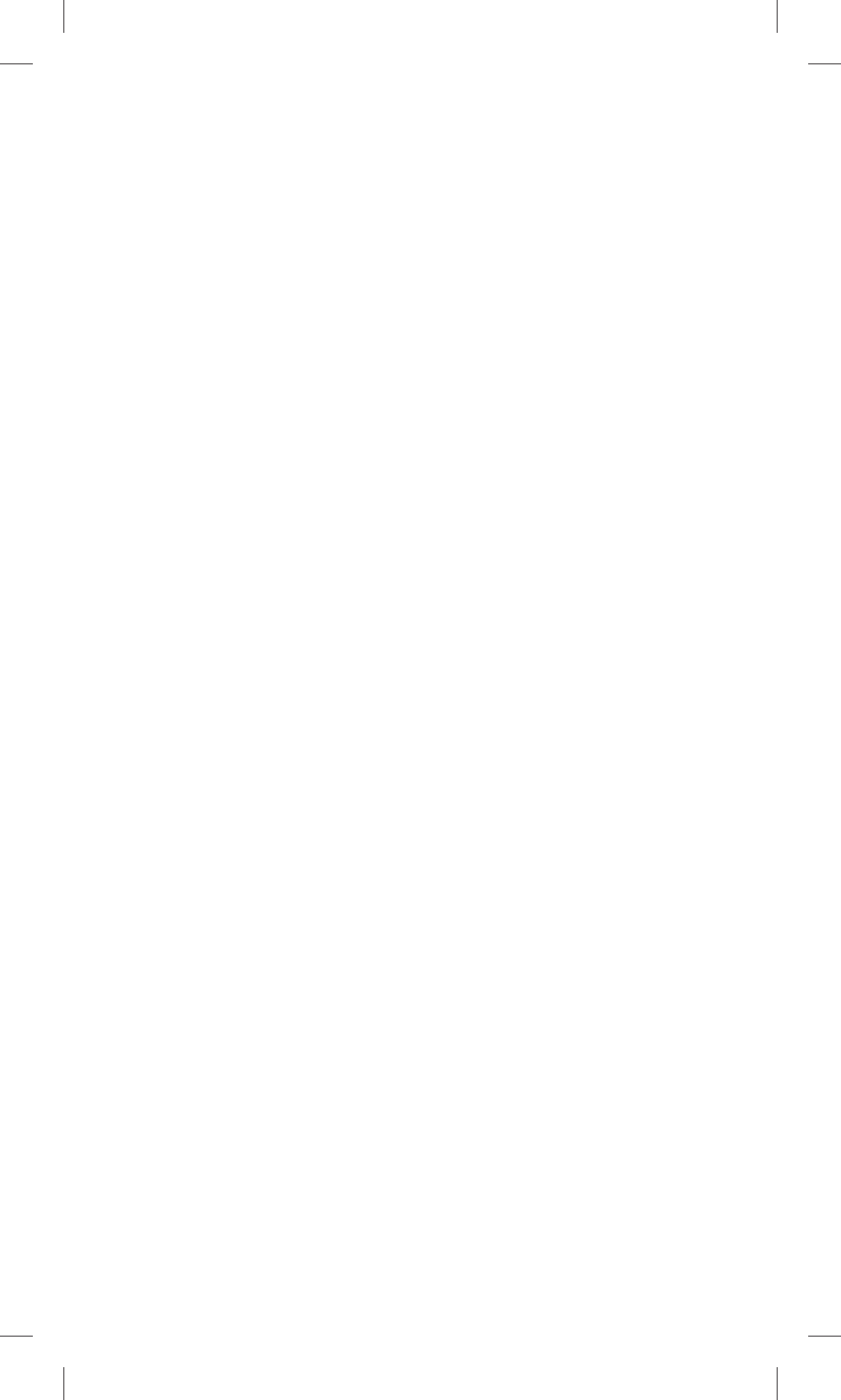
As ondas – ela ela ela ela – revelam uns
mistérios e escondem outros. Peixes ner-
vosos indevindo coloridos entre as ondas
[a cidade diminuta do outro lado, deixan-
do de ser cidade, virando ponto de nada,
negrume e saudade], o mar engolindo
tudo. O homem me acalmando: “Agora
tem nada não. Nada que num seja eu e
tu e a jangada e o mar e o céu que bri-
lha ainda brilha como altar – agora num
tem cidade, num tem rua, nem barulho
de madame querendo peixe e dando ve-
xame tão suja de areia que faz vomitar:
Eu, você, o céu e o mar”. E meus olhos
brilham, minha fala falha, minhas mãos
cintilam e minhas costas mudam de cor.
Dá-me um beijo, meu rapaz, é o que peço
[enquanto os braços se movem pro mar],
um beijo, um beijossim.

O dia amanhece
e novamente se põe. O cesto tem peixes
demais. A lua me faz mais sozinho mas
suas pernas me servem de cais.















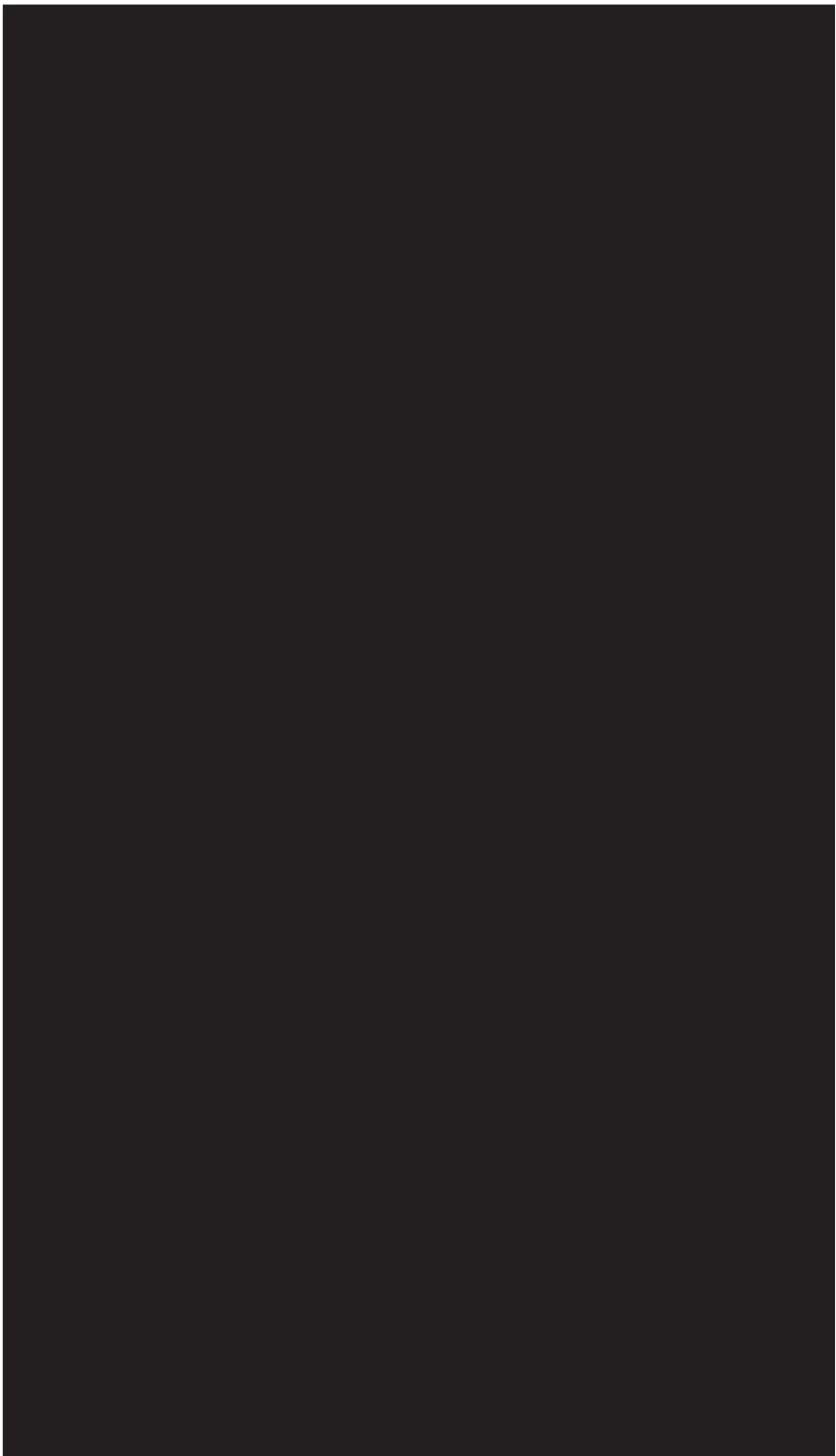
Último Poema

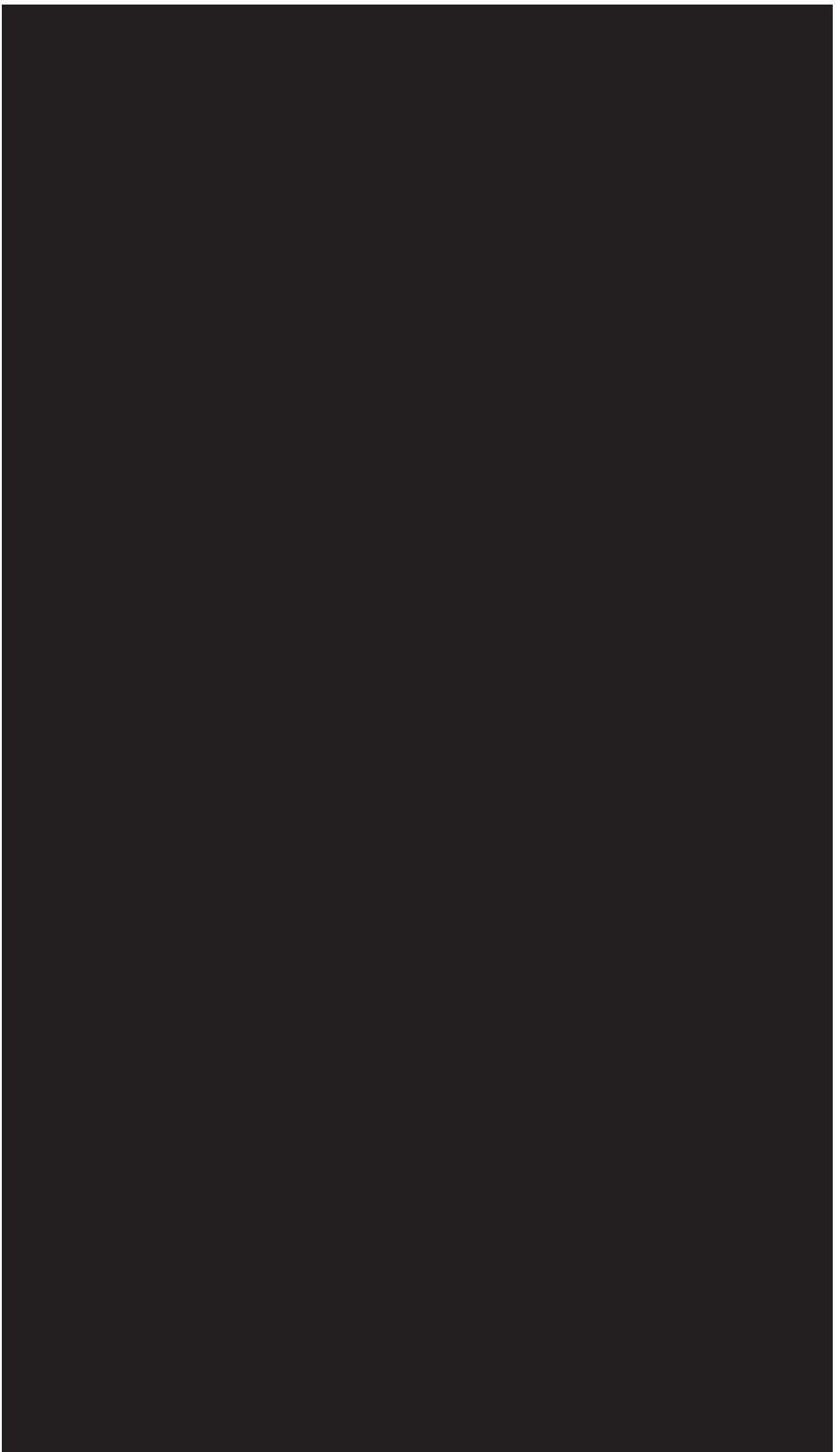
quero que meu último poema
seja bem melhor que tudo que eu tenha
feito
melhor que meu desajeito e bem maior
que o meu peito

você que me ama tanto pode partir
se quiser
não sei quando virá o último poema eu
não sei quando ele virá
não sei
não sei

não sei









TRANSISTOR 75

Liberta

Liberis est

“Enquanto seu lobo não vem”

“Enquanto seu lobo não vem”

Per aspera ad astra







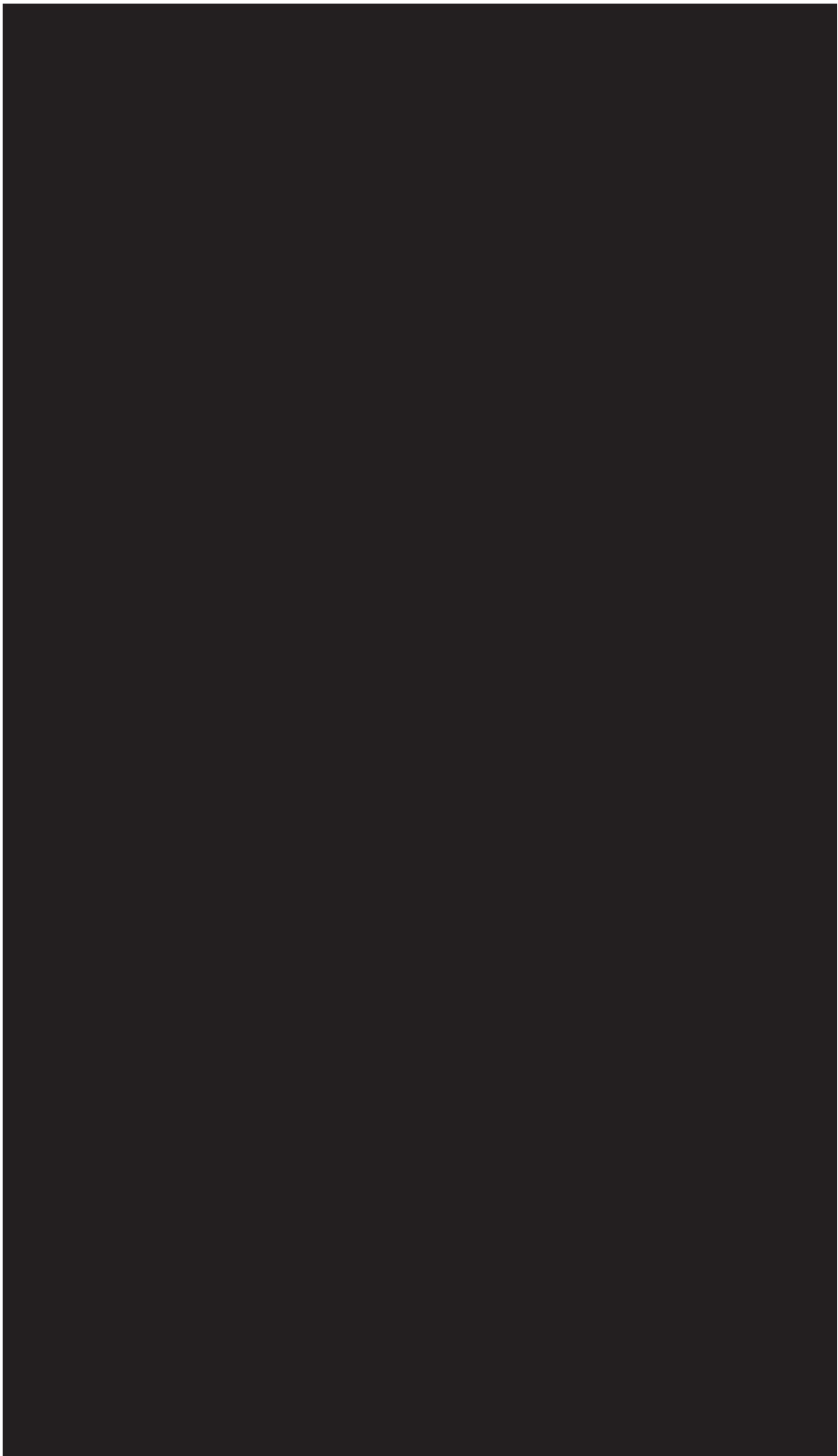






SUMÁRIO

Nau de dentro - 23 | A Cidade. - 24 | Porque a noite suave não trará em seus olhos a cor descontente de nossos pulmões - 25 | Óstio / Remir - 30 | Maya / Shitashii - 31 | Lamurioso - 33 | Dos dias depois de agora - 34 | Monumento 27 - 47 | Insomnia ou Enquanto dorme o cavaquinho - 48 | D´Stela / Cinco dedos, cinco passos - 52 | YOKAITTA - 54 | A Pedra - 56 | Cunhã Ponde-rosa - 61 | Jericoacoara ou Hai-Kai ocidental - 62 | Areia Quente - 63 | Vincent (fragmentos) - 67 | Da Rosa - 76 | Jacarey - 77 | Pedido silencioso / Enxugando lágrimas - 78 | Bilhete / Sorrateiro - 79 | Pedro - 80 | ACQUAROMANTIK - 83 | Último Poema - 91 | TRANSISTOR 75 - 96









este livro foi publicado sob licença creative commons, permitindo a qualquer pessoa copiar, utilizar e compartilhar seu conteúdo, desde que obedeça à mesma licença, sempre citando a fonte original, e nunca para fins comerciais. qualquer alteração nos textos não será permitida sem o consentimento do autor. para conseguir uma cópia desta licença, acesse o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br>



impresso em arno pro smbd smtext 12 /

bookman old style 10

cartão supremo 250g / polem 80g

nas oficinas da Expressão Gráfica

para a Editora Corsário em Junho

de 2009.